

**39º Encontro Anual da ANPOCS**

**GT 19 – Intelectuais, cultura e democracia**

**Intelectuais da “nova direita” brasileira:  
ideias, retórica e prática política**

Jorge Chaloub

*Doutor em Ciência Política pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-  
UERJ) e Professor do IBMEC-RIO.*

Fernando Perlatto

*Doutor em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-UERJ) e  
Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em  
História da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)*

**Intelectuais da “nova direita” brasileira:**  
**ideias, retórica e prática política**

Jorge Chaloub e Fernando Perlatto

A tomar pela produção em torno do chamado pensamento social brasileiro ao longo dos últimos anos, é digna de nota a consolidação do campo dedicado ao estudo sobre intelectuais no país. Diversos balanços bibliográficos recentes vêm atestando a pluralidade e a vitalidade desta área de pesquisa, com abordagens diversificadas, privilegiando estudos de autores específicos, biografias e obras, grupos, correntes ou gerações de intelectuais (Miceli, 1999; Oliveira, 1999; Bastos & Botelho, 2010). Ainda que caminhando, em diversas ocasiões, para recortes demasiadamente especializados, sem uma conexão mais ampla com a reflexão sobre a inscrição dos intelectuais na vida pública do país, esses estudos – privilegiando ora abordagens voltadas para a constituição de linhagens de “famílias intelectuais”, ora pesquisas orientadas para os espaços de formação da elite intelectual, ou para a constituição e a dinâmica dos espaços e redes de sociabilidade do mundo intelectual –, têm ganhado novos contornos, ampliado, dessa maneira, as possibilidades de compreensão sobre a produção e as diferentes formas de inscrição dos intelectuais no Brasil.

Não obstante o avanço considerável desse campo de estudos é possível perceber uma maior concentração das pesquisas sobre aqueles intelectuais brasileiros comumente considerados de “esquerda” ou “progressistas”, havendo ainda uma lacuna considerável de estudos em torno daqueles chamados de “direita”. Apesar de importantes pesquisas individuais ou coletivas realizadas ao longo dos últimos anos, faltam ainda trabalhos mais sistemáticos dedicados à compreensão destes intelectuais, sobretudo abordagens voltadas para investiga-los em décadas mais recentes, quer seja a partir da análise de autores isoladamente, privilegiando-se o estudo de suas obras e de suas relações com o campo cultural e político, quer seja relacionando suas produções, a partir de uma perspectiva comparativa, com outros autores nacionais ou internacionais. Uma das hipóteses a serem levantadas para a explicação dessa lacuna pode se vincular à dificuldade dos estudiosos, pertencentes, em sua maioria, ao campo progressista, em considerarem seus “adversários” como intelectuais, como se a utilização deste conceito devesse

permanecer restrita única e exclusivamente àqueles pensadores vinculados à esquerda do espectro político.

Nesse sentido, como nosso intuito neste trabalho é o de analisar “intelectuais de direita”, importa, desde já, realizar algumas observações conceituais importantes, em relação às noções de “intelectual” e de “direita”. Em primeiro lugar, a concepção de “intelectual” aqui adotada segue menos uma perspectiva normativa – a exemplo da concepção habermasiana, por exemplo, para quem aos intelectuais caberia o enriquecimento do debate público<sup>1</sup> – e mais uma dimensão analítica. Nesse sentido, ainda que o conceito de intelectual deva ser compreendido a partir de seu caráter polissêmico e polimorfo, evitando-se generalizações acerca deste agrupamento heterogêneo, como destacado por Jean-François Sirinelli<sup>2</sup>, adotamos neste trabalho uma definição abrangente, apropriada para pensar a noção de “intelectual”, encarando-o como uma “categoria social definida por seu papel ideológico”, ou seja, como “produtores diretos da esfera ideológica, os criadores de produtos ideológico-culturais”, o que engloba “escritores, artistas, poetas, filósofos, sábios, pesquisadores, publicistas, teólogos, certos tipos de jornalistas, certos tipos de professores e estudantes, etc.”<sup>3</sup>.

Já no que concerne à definição do termo “direita”, importa destacar que há uma ampla bibliografia dedicada à sua definição, que remonta ao contexto da Revolução Francesa e da Revolução Industrial e a debates em torno da igualdade, da liberdade e da democracia, que a associa a outros conceitos, como “conservador” ou “reacionário”<sup>4</sup>. Reconhecendo a heterogeneidade semântica destes termos, não pretendemos, neste artigo, aprofundar este debate conceitual. À guisa da construção do argumento proposto, tomaremos o conceito de “direita” em uma acepção muito particular, orientada para designar uma perspectiva crítica em relação a determinados valores e orientações políticas comumente associadas ao chamado campo progressista e à “esquerda”, a exemplo da defesa do papel do Estado (1) na regulação do livre-mercado, (2) na promoção da redistribuição de renda; (3) na execução de políticas afirmativas

---

<sup>1</sup> HABERMAS, Jürgen. “O caos da esfera pública”. *Folha de São Paulo*, Caderno "Mais", 13/08/2006, 4-5.

<sup>2</sup> SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996, p. 231-269.

<sup>3</sup> LÖWI, Michael. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários. A evolução política de Lukács, 1909-1929*. São Paulo: Lech, 1976, p.1-2.

<sup>4</sup> Ver, entre outros: MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986; NISBET, Robert. *O Conservadorismo*. Lisboa: Editora Estampa, 1987; HIRSCHMANN, Albert. *A Retórica da Intransigência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992; BOBBIO, Norberto. *Direita e Esquerda. Razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: Editora UNESP, 1995.

orientadas para a inclusão de “minorias”. Ainda que com perspectivas diversas, todos os intelectuais analisados neste artigo – conforme discutiremos no decorrer do texto – se identificam na crítica a um ou a todas estas três perspectivas políticas identificadas com o campo progressista.

Aqui cabe uma observação. Neste texto, recorreremos antes ao conceito de “direita”, entendido nos termos acima, do que aos vocábulos “conservador” ou “reacionário”. A razão para esta estratégia se relaciona à compreensão de que os intelectuais abordados no artigo não se identificam, por completo, com o campo semântico do conceito de “conservadorismo” – ainda que com ele dialogue –, uma vez que não buscam, salvo em algumas questões do chamado debate moral, conservar o *status quo* como ele se apresenta na ordem social brasileira; de outra parte, também não se adequam ao campo semântico do conceito de “reacionários”, pois não desejam – ao menos não explicitamente – a retomada de uma ordem histórica perdida, mas sim a construção de uma nova realidade, cujos valores são externos a qualquer experiência nacional anterior. Nesse sentido é que é possível dizer que os intelectuais da “nova direita” surgem mais com um discurso de ruptura com a tradição nacional do que animados por impulsos de conservação e garantia de transformações graduais e controladas.

Considerando os conceitos mais amplos de “intelectuais” e de “direita”, acima expostos, é possível perceber a forte presença de intelectuais de direita na cena pública brasileira ao longo da história brasileira. Se concentrarmos a atenção somente no século XX, podemos identificar a inscrição pública importante de intelectuais com este perfil político-ideológico, a exemplo de personagens importantes como Carlos Lacerda e Francisco Campos, presenças estas de destaque entre as décadas de 1930 e 1970. A partir de diferentes perspectivas e com agendas políticas diversas, Lacerda e Campos imprimiram claras marcas no debate público brasileiro e na história brasileira, influenciando decisivamente na construção de um determinado repertório político-intelectual e nos rumos do cenário político. No contexto dos anos 1980 e 1990, a intelectualidade de “direita” manteve presença importante, ainda que mais periférica, na esfera pública, destacando-se, nesse sentido, figuras como Paulo Francis e José Guilherme Merquior. Este último, particularmente, junto com Roberto Campos, desempenhou papel importante na elaboração do programa de governo de Fernando Collor de Melo, ancorado na forte crítica à presença do Estado e na defesa das políticas neoliberais como agenda necessária para a

modernização do país. A defesa do neoliberalismo, importa ressaltar, se converteu, em grande medida, a partir dos anos 1990, no principal esteio da agenda intelectual da direita.

A má sorte do governo Collor, contudo, não enterrou os ideais neoliberais. Em um movimento que já vinha se reforçando desde a ditadura, a cena intelectual pública brasileira se viu cada vez mais tomada pela influência crescente de economistas portadores dessa ideologia, que, inscritos direta ou indiretamente no mundo sistêmico, se colocavam cada vez mais como atores privilegiados para interpretar o país e apontar os rumos futuros do processo de modernização. Essa nova fração intelectual, que passa a deter autoridade legítima para falar na esfera pública sobre todos os assuntos, procurando traduzir suas análises e posições em matéria especificamente econômica sobre todas as dimensões da vida política e social, passa a se aproximar de segmentos importantes do sistema partidário e a influenciar de forma mais significativa a cena pública brasileira. O PSDB é exemplar nesse sentido, uma vez que, embora tendo nascido inspirado em ideais social-democratas de corte europeu, acabou por se aproximar, ao longo da década de 1990, de economistas liberais, vinculado à PUC-RIO – a exemplo de Pedro Malan, Pérsio Arida, Gustavo Franco, Andre Lara Resende e Armínio Fraga –, que contribuíram decisivamente para impulsionar um *aggiornamento* do discurso do partido.

A retórica que emergia desse liberalismo reivindicava a redução do papel Estado e a dimensão do mercado como via adequada para a constituição de um Brasil moderno, que sobrepujasse a “estatolatria”, removendo o “peso” da “longa Era Vargas”. Esse liberalismo não reclamava, entretanto, em nenhum momento o epíteto de “direita” – a inspiração, antes, surgia da ideia de “terceira via”, que sugeria, com Tony Blair e Giddens à frente, a superação da dicotomia direita-esquerda –, embora se identificasse com o conservadorismo econômico ao defender a desregulamentação de direitos trabalhistas e a submissão da política aos ditames da “física dos interesses”. Após o fim do governo de Fernando Henrique Cardoso, esse liberalismo teve diferentes direcionamentos, a exemplo do liberalismo defendido pelo próprio Cardoso em seus artigos publicados no *Estado de São Paulo* e no *Globo* após sua saída da presidência – reunidos em livro publicado recentemente, intitulado *A Miséria da Política. Crônicas do Lulopetismo e outros escritos* –, que busca conciliar as ideias liberais com dimensões importantes da social-democracia, ou a agenda liberal de outros intelectuais que têm procurado articular a defesa do liberalismo com o discurso ambientalista e reflexões morais mais amplas, como se depreende da

análise de obras como *Vícios Privados, Benefícios Públicos?*, de Eduardo Giannetti e *Devagar e Simples*, de André Lara Resende.

Os anos 2000 têm testemunhado a ascensão de outro tipo de ideário, relacionado a uma nova fração de intelectuais, portadores de certo tipo de ideário claramente de direita, que vem ganhando cada vez mais espaço na agenda pública do país, com forte presença na imprensa e no mercado editorial, associado a nomes como Olavo de Carvalho, Reinaldo Azevedo, Luiz Felipe Pondé, Rodrigo Constantino, Guilherme Fiuza, Marco Antonio Villa, Denis Lerrer Rosenfield e Diogo Mainardi. Ainda que muitos deles já tivessem presença destacada na imprensa e nas redes sociais desde os anos 1990, a projeção deles na esfera pública nos últimos anos ganhou impulso e projeção, especialmente após o debate público em torno das cotas raciais nas universidades, da criação do Programa Bolsa-Família e, sobretudo, após as denúncias em torno do chamado escândalo do “Mensalão”, quando a presença dos mesmos na esfera pública recebeu maior destaque, permeada de duras críticas ao governo federal e ao Partido dos Trabalhadores (PT).

Ainda que com lastro no passado, o destaque adquirido por esses intelectuais no debate público brasileiro é um fenômeno sociológico novo, importante na cena política e cultural do país, que merece maior atenção por parte dos pesquisadores. É especialmente relevante destacar o fato de que esses intelectuais não renegam, sob a pecha de um arcaísmo retórico, como o faziam outrora, por exemplo, Carlos Lacerda e José Guilherme Merquior, a divisão da sociedade entre direita e esquerda, este, por sua vez, um usual mote de intelectuais vinculados a tal campo ideológico. O que talvez os diferencie é que a maior parte dos intelectuais analisados nesse artigo reforça, em seus discursos, a divisão entre esquerda e direita, assim como requer e mobiliza orgulhosamente o título de direitistas, colocando sobre a esquerda o peso dos problemas enfrentados pelo país. Este fato é sintomático para compreender a ação destes intelectuais no debate público brasileiro nos dias atuais.

Tomando este cenário mais amplo como ponto de partida da reflexão aqui proposta, buscaremos neste artigo discutir a destacada presença destes intelectuais na esfera pública, investigando a rede intelectual por eles constituída – sobretudo a partir da inquirição acerca da presença dos mesmos nos jornais da “grande imprensa” e no mercado editorial –, além de analisar as principais ideias por eles mobilizadas na esfera pública, identificando e refletindo sobre seus aspectos mais relevantes. Pretendemos explorar a hipótese segundo a qual esses intelectuais da “nova direita”, não obstante compartilhem ideias e elementos retóricos que

estavam presentes em segmentos da *intelligentsia* brasileira de décadas anteriores, possuem particularidades próprias, quer se pense nas ideias, na retórica e nos argumentos por eles mobilizados, quer se considere a forma de inscrição dos mesmos na esfera pública. A ênfase em pautas regressivas no que tange aos direitos de minorias e ou referentes à legislação trabalhista convive, salvo algumas exceções, com uma irrestrita defesa do princípio do liberalismo econômico. Mesmo que estejamos diante de um conjunto heterogêneo de intelectuais – e isso é importante ser ressaltado – é possível, entretanto, delinear alguns elementos compartilhados em suas ideias, tanto em suas retóricas, quanto em suas práticas políticas.

\*\*\*\*\*

O fortalecimento de um novo discurso de direita não é um fenômeno restrito às fronteiras brasileiras. As últimas décadas registraram em diversas partes do mundo o surgimento de distintas vertentes de pensamento direitista, que se nutriram da crise, no campo político, do Estado de Bem-estar social e no plano teórico do marxismo, e que ganharam força ainda maior com a queda do Muro de Berlim. Essas novas torrentes ideológicas têm assumido, entretanto, tanto do ponto de vista intelectual, quanto político, feições e características diversas da tradicionalmente esposadas pelo campo conservador e reacionário.

Em artigos de conjuntura redigidos nos anos 1980, Jürgen Habermas identifica o surgimento de um “neoconservadorismo” nos contextos alemão e norte-americano, o qual se distinguiria de correntes semelhantes anteriormente desenvolvidas por uma relação mais tranquila com a modernidade capitalista. A desconfiança de um conservadorismo de corte mais tradicional em relação ao mercado e a hegemonia de uma lógica do interesse daria lugar a um elogio da modernização econômica, de modo que as resistências ao moderno ficariam restritas ao mundo da cultura, este o grande responsável por destruir antigos valores e instituições. O capitalismo seria desejável e perfeitamente compatível com a visão de mundo advogada por esse conjunto de pensadores, que conseguiriam, assim, dar nova vida a uma tradição que parecia incompatível com a lógica progressista que marcava os dois lados da Guerra Fria<sup>5</sup>. Habermas

---

<sup>5</sup> “A doutrina neoconservadora, que ao longo dos anos 1970 se infiltrou no nosso cotidiano político por meio da imprensa, segue um esquema simples. De acordo com ela, o mundo moderno se restringe ao progresso técnico e ao crescimento capitalista; moderna e desejável é toda dinâmica social que remonta, em última instância, aos investimentos privados; carecem de proteção também as reservas motivacionais das quais se nutre essa dinâmica. E,

identifica como características desse conjunto de pensadores algumas teses e atitudes intelectuais comuns, como a moralização dos debates e problemas públicos, que seriam adequadamente resolvidos por meio do recurso à religião ou a um senso comum desconsiderado, o ataque aos conteúdos da modernidade no campo da cultura e a responsabilização dos “intelectuais de esquerda” por grande parte das mazelas contemporâneas<sup>6</sup>.

A emergência dessa corrente permite, ademais, a aproximação entre certas vertentes liberais e conservadoras, levando a um campo comum tradições intelectuais que, muitas vezes, ocuparam trincheiras opostas. Há, nesse sentido, uma clara afinidade entre o fortalecimento de partidos de extrema-direita no cenário europeu – que em alguns casos, como a Liga do Norte na Itália, romperam o ‘cordão sanitário’ que as separava de uma direita mais tradicional<sup>7</sup> – e a emergência de um ideário que permitia um mais fluido diálogo entre irrestritos defensores de um liberalismo econômico e conservadores.

A presença de um fenômeno intelectual semelhante no cenário brasileiro encontrou alguns entraves, que retardaram o desenvolvimento de semelhante ideário. A proximidade de um regime autoritário vinculado à direita e a difícil conjuntura econômica da década de 1980 não permitiam um recurso a qualquer ideia que remetesse a conservação ou ao retorno de um ideal perdido. O tempo era de olhar e construir um futuro, não de retornar ao passado<sup>8</sup>. A dinâmica não é exclusiva do contexto brasileiro, como bem demonstra a fragilidade da extrema-direita em Portugal, também consequência da memória recente do autoritarismo<sup>9</sup>. Conforme destacado anteriormente, no caso brasileiro, os liberais econômicos críticos do protagonismo estatal se

---

contrapartida, são iminentes os perigos provocados pelas mudanças culturais, pelas mudanças de motivação e nas atitudes, dos deslocamentos nos padrões valorativos e identitário, atribuídas a uma irrupção de inovações culturais no mundo da vida, criando assim curtos-circuitos. Por isso, as reservas da tradição deveriam ser congeladas na medida do possível.” (HABERMAS, Jürgen, A crítica neoconservadora da cultura nos Estados Unidos e na Alemanha. In: A nova obscuridade: pequenos escritos políticos V, pág. 83-84.)

<sup>6</sup> Em obra mais recente, Jacques Rancière analisa intelectuais de perfil semelhante aos abordados por Habermas, preocupados, sobretudo, com a conjunção, em certos autores, do elogio à expansão global autocrática de governos ditos democráticos e com a recusa a qualquer expansão mais significativa da democracia social: RANCIÈRE, Jacques, O Ódio à Democracia. São Paulo: Boitempo, 2014.

<sup>7</sup> Sobre a extrema direita europeia ver ZUQUETE, José Pedro, Novos tempos, novos ventos? - A extrema-direita europeia e o Islão In: Análise Social, vol. XLVI (201), 2011, 653-677 e as coletânea HAINSWORTH, Paul, The Extreme-Right in the Western Europe. Routledge, 2008; SCHULTZE, STURM, EBERLE, Conservative Parties and Right-Wing Politics in North America: reaping the benefits of na ideological victory?. Leske Budrich, 2003.

<sup>8</sup> O ponto é destacado por ARANTES, Paulo, O novo tempo do mundo.

<sup>9</sup> Sobre o tema, ver COSTA, José Mourão, O Partido Nacional Renovador: a nova extrema-direita na democracia portuguesa. Análise. Social no.201 Lisboa out. 2011.



aproximaram dos autointitulados socialdemocratas, ambos a posteriormente construírem um governo que, no campo do discurso, remetia a terceira via de Tony Blair e Giddens.

A sequência de mandatos do PT frente ao governo federal contribuiu, entretanto, para impulsionar transformações importantes na configuração do campo político e intelectual nacional. A vinculação do partido a um imaginário de esquerda, em que pesem as muitas concessões realizadas a setores conservadores ao longo dos governos de Lula, deu novo vigor a atores que reivindicavam abertamente um lugar para a direita na esfera pública. Ainda que ancorado em um “reformismo fraco”, nos dizeres de André Singer, o lulismo alterou determinados aspectos da sociedade brasileira, fazendo com que emergisse um discurso de reação, contraposto à esquerda, simbolizada pelo PT, sua ideologia e suas práticas políticas. Em um cenário de adensamento do campo que se representava como direita, vozes outrora isoladas e pouco influentes ganharam força, velhos personagens assumiram renovada *persona* política e novos atores adentraram com estardalhaço no terreno. A direita, através desses intelectuais, passou a dizer o seu nome e a querer se posicionar com maior protagonismo na esfera pública.

Um dos aspectos mais importantes a ser ressaltados no que concerne ao protagonismo adquirido pelos intelectuais da “nova direita” no debate público brasileiro diz respeito à participação destacada dos mesmos, mediante a publicação de colunas em órgãos de imprensa de grande circulação no país – em jornais como *O Globo*, *A Folha de São de Paulo* e *O Estado de São Paulo* –, e em revistas como a *Veja*. Se não restam dúvidas de que é equivocado generalizar e considerar jornais de ampla circulação nacional como bastiões de articulistas da “direita”, havendo neles também intelectuais progressistas, também não restam dúvidas de que os intelectuais de “direita” têm assegurado uma presença cada vez mais destacada nestas publicações. Dos intelectuais analisados neste texto, Rodrigo Constantino, Marco Antonio Villa e Guilherme Fiuza escrevem para *O Globo*, Reinaldo Azevedo e Luiz Felipe Pondé têm coluna na *Folha de São Paulo*, Denis Rosenfield escreve para *O Estado de São Paulo*, embora seu texto também seja publicado em *O Globo*. Diogo Mainardi, por sua vez, é colunista da revista *Veja*.

O único dos selecionados para a análise que não escreve atualmente de forma regular para jornal impresso é Olavo de Carvalho, embora, junto com Rodrigo Constantino e Reinaldo Azevedo, seja aquele que mais se vale da mobilização da internet para a difusão de suas ideias. A publicação de textos e comentários em blogs, sites como o *YouTube* e em redes sociais – como o *twitter* e o *Facebook* – é amplamente utilizada por esses intelectuais, contribuindo para que eles

intervenham publicamente e opinem diariamente sobre vários dos assuntos que ganham destaque na imprensa nacional. Ressalte-se, inclusive, que os blogs de Rodrigo Constantino e Reinaldo Azevedo são hospedados diretamente no site da revista *Veja*, que também possui uma TV exibida na internet, que tem Marco Antonio Villa como um de seus principais comentaristas políticos. Além disso, alguns desses intelectuais se valem de outros instrumentos para a difusão de suas ideias, a exemplo de Rodrigo Constantino, que possui um programa chamado “Os Pingos nos Is”, na Radio Jovem Pan que se transformou – como bem demonstrado em reportagem de Julia Duaili, na revista *Piauí* – em um dos principais veículos de denúncia das políticas dos governos do PT e de defesa de agendas de “direita”, abrigando jornalistas como Rachel Sheherazade – conhecida nacionalmente por defender, em cadeia nacional, quando apresentadora no SBT, a ação de justiceiros contra um rapaz negro acusado de ter cometido assaltos no Aterro do Flamengo –, que, por sua vez, divide parte do programa principal da emissora paulista, intitulado *Jornal da Manhã*, com Marco Antonio Villa.

Para além da forte presença no debate público, outro aspecto a ser ressaltado no que concerne aos intelectuais da “nova direita” diz respeito à presença cada vez mais significativa dos mesmos no mercado editorial brasileiro. Esta presença se insere em um movimento mais amplo, marcado pelo crescimento significativo, ao longo dos últimos anos, de publicações direcionadas para um público, cada vez maior, interessado por uma literatura de obras políticas com perfil de “direita” ou conservador. Este movimento, inclusive, foi destacado pelo editor da Editora Record, Carlos Andreazza, em entrevista recente para o jornal *O Globo*, no qual reconhece o crescimento deste “nicho” no mercado editorial brasileiro, destacando o interesse de sua editora em explorá-lo. Dentre os títulos publicados recentemente, que evidenciam este aspecto, podemos destacar, entre outros, *Guia do Politicamente Incorreto da História do Brasil* (Leandro Narloch), *Guia do Politicamente Incorreto da História da América Latina* (Leandro Narloch e Duda Teixeira) e *Guia do Politicamente Incorreto da História do Mundo* (Leandro Narloch), além de obras como *Pare de Acreditar no Governo. Por que os Brasileiros não Confiam nos Políticos e Amam o Estado* (Bruno Garschagen), *O Mito do Governo Grátis* (Paulo Rabello de Castro) e *As Ideias Conservadoras explicadas a Revolucionários e a Reacionários* (João Pereira Coutinho). Mais recentemente, algumas editoras vêm apostando na tradução de obras com este perfil, a exemplo do livro *Como ser um Conservador*, do filósofo político inglês Roger Scruton, lançado recentemente no Brasil.

Os intelectuais da “nova direita” analisados neste artigo vêm sendo bem-sucedidos ao se aproveitarem dessa “onda”, conquistando espaços cada vez mais significativos no mercado editorial brasileiro. O livro de Olavo de Carvalho, *O Mínimo que você Precisa para não ser um Idiota* atingiu número alto de vendas, assim como a obra *Esquerda Caviar. A Hipocrisia dos Artistas e Intelectuais no Brasil e no Mundo*, de Rodrigo Constantino. Este autor também publicou outros trabalhos com perspectivas semelhantes, como *Privatize Já! Pare de Acreditar em Intrigas Eleitorais e Entenda como a Privatização fará do Brasil um País Melhor* e, mais recentemente, *Contra a Maré Vermelha. Um Intelectual sem Medo de Patrulhas*, que reúne oitenta crônicas publicadas no jornal *O Globo* entre 2009 e 2014. A prática de reunir em livros artigos originalmente publicados em jornais e revistas é comum entre estes intelectuais, do que são provas as obras *Não é a Mamãe: Para Entender a Era Dilma*, de Guilherme Fiuza, com artigos publicados no jornal *O Globo* e na revista *Época*; *A Tapas e Pontapés e Lula é Minha Anta*, de Diogo Mainardi, que reúnem crônicas originalmente escritas para a revista *Veja*; *O País dos Petralhas e Objeções de um Rottweiler Amoroso*, de Reinaldo Azevedo, que congregam colunas do autor publicadas em seu blog na *Veja* e na *Folha de São Paulo*; assim como o já mencionado *O Mínimo que você Precisa para não ser um Idiota*, de Olavo de Carvalho, compilação organizada por Felipe Moura Brasil, colunista da *Veja*, que reuniu artigos publicados na imprensa ao longo de mais de uma década. Estas publicações procuram analisar a conjuntura política do país, seja a partir de uma perspectiva de maior duração – a exemplo do livro *Década perdida: Dez Anos de PT no Poder*, de Marco Antonio Villa –, seja a partir da investigação de fenômenos recentes – como *Mensalão. O Julgamento do Maior Caso de Corrupção da História Política Brasileira* e *Um País Partido: 2014. As Eleições mais Suja da História*, ambos também de Villa. Outras publicações desses autores já possuem mais um tom de manifesto político, com destaque para a obra *Por que Virei à Direita*, de Luiz Felipe Pondé, Denis Rosenfield e João Pereira Coutinho. De maneira geral, todos os trabalhos mencionados apresentam bons índices de venda e estão expostos com destaque em várias livrarias do país, evidenciando a capilaridade de seus argumentos entre amplos segmentos da opinião pública.

Um fator importante a ser destacado no que concerne a esses “intelectuais de direita” diz respeito à sua capacidade de organização institucional, que se vislumbra, por exemplo, na forte articulação entre muitos deles e estabelecimentos como o Instituto Millenium, o Instituto Liberal, o Instituto Ludwig Von Mises, o Instituto Liberdade, o Instituto de Estudos Empresariais, o

Estudantes pela Liberdade e o Instituto Ordem Livre. Estas instituições têm ou origem recente – como, por exemplo, o caso do Instituto Millenium, criado em 2005 – ou passaram por grande reformulação recente – como o Instituto Liberal, que, embora fundado em 1983, vem testemunhando mudanças significativas desde a ascensão à presidência do Conselho Deliberativo de Rodrigo Constantino, que substituiu a tradicional ênfase na divulgação de clássicos liberais por uma militância social e virtual mais agressiva. De maneira geral, estes institutos reúnem empresários, economistas, juristas, jornalistas e outros intelectuais, e se comportam como *think tanks*<sup>10</sup> orientados para a defesa dos valores e das políticas liberais. Os fortes vínculos dessas instituições com relevantes grupos empresariais e da mídia são claramente expostos por uma breve análise dos parceiros do Instituto Millenium, que incluem a Editora Abril, a Gerdau, o Bank of America Merry Lynch, o Grupo Suzano, o Grupo Estadão, dentre outros<sup>11</sup>. Seus documentos tecem fortes críticas à política brasileira atual, que padeceria da ausência de verdadeiras forças de direita e da escassa presença do liberalismo no país.

A mencionada capacidade de organização se expressa também com a recente criação do Partido Novo, que teve seu registro aprovado no Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Tendo dentre os seus filiados Rodrigo Constantino, que divulga e defende o partido em seus blog<sup>12</sup>, o Partido Novo foi fundado em fevereiro de 2011 por um grupo que “nunca havia se candidatado a

---

<sup>10</sup> O modelo seguido parece ser o dos think tanks conservadores americanos e canadenses, que viram seu número e influência crescer exponencialmente na década de 2000. Sobre o tema ver: THUNERT, Martin, Conservative Think Tanks in the United States and Canada In: SCHULTZE, STURM, EBERLE, Conservative Parties and Right-Wing Politics in North America: reaping the benefits of na ideological victory?

<sup>11</sup> Disponível em <http://www.institutomillennium.org.br/institucional/parceiros/>

<sup>12</sup> Em que pese suas ressalvas sobre a permanência do seu comportamento “imparcial” enquanto pensador político, o colunista escreveu seguidas colunas em defesa da proposta do partido: CONSTANTINO, Rodrigo, “Há algo novo no ar... : TSE aprova pedido e nasce ‘mais um’ partido no Brasil, mas o primeiro realmente liberal”; Idem, “Tomar partido não é o mesmo que ser partidário: esclarecimentos importantes acerca do meu relacionamento com o Partido Novo”. Disponíveis em [veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/tags/partido-novo/](http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/tags/partido-novo/) Ele assim retrata do nascimento do partido: “Quem tem consciência disso sempre se sentiu órfão na política nacional, dominada pelos 30 tons de vermelho. Todos os partidos falam em mais Estado, no governo como uma espécie de “Messias salvador”. Os liberais, então, eram obrigados a votar no “menos pior”, no que mais perto do centro ficava. Mas nunca puderam votar com convicção, em um partido que efetivamente abraçasse o capitalismo liberal, com uma agenda que colocasse o indivíduo no foco, não o Estado. Isso agora mudou. Foi homologado pelo TSE o Partido Novo, com o número 30, que clama por mais sociedade e menos Estado, que defende mais liberdade econômica e menos intervencionismo, que não teme enfrentar o vespeiro corporativista e prega privatizações. Se a Petrobras fosse privada, por exemplo, não teríamos o petrolão, e o PT não teria quebrado a maior empresa do país, depois de transformá-la numa fonte de recursos ilícitos para seu projeto de perpetuação no poder. O Novo reconhece no empreendedor o grande criador de riquezas, e deseja reduzir os obstáculos estatais que dificultam esse processo dinâmico que leva à prosperidade. Quem pode ser contra isso? A quem interessa manter um sistema de privilégios estatais que beneficia apenas os “amigos do rei”? Vamos dar uma chance à liberdade! Vamos valorizar mais o indivíduo! Quem teme o Novo?” (; Idem, “Quem teme o novo?”. O Globo, 29/09/2015)

nenhum cargo eletivo”<sup>13</sup> e “analisando os partidos políticos existentes” percebeu uma lacuna no cenário partidário brasileiro. A ausência se daria por nenhum dos partidos defender claramente “a maior autonomia e liberdade do indivíduo, a redução das áreas de atuação do Estado, a diminuição da carga tributária e a melhoria na qualidade dos serviços essenciais, como saúde, segurança e educação.” O partido busca claramente representar um liberalismo econômico “puro”, desconhecido, segundo seus fundadores, na experiência política brasileira, como bem demonstram a lista dos seis valores que movem o partido: “liberdades individuais com responsabilidade”, “indivíduo como único gerador de riqueza”, “todos são iguais perante a lei”, “livre mercado”, “indivíduo como agente de mudanças” e “visão de longo prazo”. Com a exceção do reconhecimento da liberdade perante a lei, conquista liberal que se transformou em patrimônio da modernidade<sup>14</sup>, e do jargão da moderna gestão que aponta para uma perspectiva de longo prazo, estamos diante de uma verdadeira petição de princípio de um liberalismo de forte feição econômica.

Chama a atenção, por sua vez, a clara colaboração entre os grupos que as compõe e o caráter dual da sua missão, que passa tanto por organizar política e intelectualmente as forças ditas liberais no cenário político, quanto pela divulgação do ideário liberal na sociedade brasileira, com vistas a conquistar mais adeptos para esta concepção política. Além disso, alguns desses institutos se engajam de forma mais direta em movimentos como o chamado “Escola sem Partido”, que procura aprovar um Projeto de Lei contra a “doutrinação” e “contaminação político-ideológica” da esquerda nos espaços escolares. Mais recentemente, estes institutos, de forma direta ou indireta, vêm se articulando com outros movimentos que ganharam projeção na cena pública brasileira recente – a exemplo do “Movimento Brasil Livre”, do “Vem pra Rua” e do “Revoltados Online” –, responsáveis por organizar, via redes sociais, os protestos e as marchas que tomaram as ruas do país em 2015 contra o governo federal e o PT e a favor do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff e da implementação no Brasil de uma agenda política radicalmente liberal no campo da economia e conservadora em relação a costumes e às minorias.

\*\*\*\*\*

---

<sup>13</sup> As citações entre aspas do parágrafo estão disponíveis na seção “quem somos” do site do partido ([www.novo.org.br](http://www.novo.org.br))

<sup>14</sup> SANTOS, Wanderley Guilherme, Os paradoxos do liberalismo. Vertice, 1988.

Os intelectuais da nova direita não compõem um todo monolítico, mesmo que, por vezes, pareçam agir como um, sobretudo em relação a determinadas agendas da conjuntura política brasileira contemporânea. Uma breve análise do seu conjunto revela uma clara diversidade de trajetórias, crenças e estilos retóricos, por vezes ofuscados pela coincidência em relação a adversários preferenciais e pautas concretas. A atenção às diferenças em meio às concordâncias, que também serão devidamente destacadas, é fundamental para que se possa compreender com mais clareza as ideias e os movimentos desses atores no cenário político atual. Ainda que reconhecendo as estreitezas e os riscos de simplificações e limitações de quaisquer tipos de classificação, procuraremos, com o intuito analítico, dividir os intelectuais investigados em dois grandes grupos, a saber: *direita teórica* e *direita militante*.

A *direita teórica* reclamaria seu lugar à direita no debate público a partir de argumentos de ampla duração histórica, de modo que as razões para a recusa à esquerda mobilizariam ideias e noções que ultrapassam em muito o contexto imediato, destacando os equívocos dos setores de esquerda em relação à modernidade e à natureza humana. As questões de política contemporânea ocupam a maior parte dos seus textos atuais, mas são sempre enquadradas em uma narrativa de mais longa amplitude, mesmo que muitas vezes distante do tema em questão. O estilo de argumentação não exclui amplas mudanças ao longo dos anos, muitas delas impulsionadas pelas transformações na conjuntura, mas leva ao esforço de sempre vincular as opiniões políticas a bases mais amplas e longevas. Os autores buscam se distinguir pela mobilização de amplo material bibliográfico, que inclui desde clássicos de vertente liberal e conservadora, amplamente presentes na bibliografia mais corrente das humanidades, até teóricos menos citados, muitas vezes brandidos de modo a demonstrar a precariedade do ambiente intelectual brasileiro. Há em alguns autores do grupo, como Olavo de Carvalho, assumida presença do pensamento católico como uma das suas principais influências. O grupo é majoritariamente composto pelos que argumentam a partir do campo filosófico, como Olavo de Carvalho e Luiz Felipe Pondé.

A *direita militante*, por sua vez, é composta, sobretudo, por polemistas públicos, com seus intelectuais circunscritos às questões da conjuntura mais imediata, com sua argumentação raramente ultrapassando os marcos mais evidentes do debate contemporâneo. As eventuais menções a questões mais amplas ou o retorno a outras quadras históricas, no mais das vezes influenciadas pelos autores do primeiro grupo, desempenham papel de ornamento, são ou laterais

para a estrutura de suas ideias centrais ou motivadas por disputas colocadas na ordem do dia. É possível, por exemplo, que eles se ponham a alardear os bons feitos da ditadura militar, mas esse exercício se faz com o olhar voltado para embates contemporâneos, como a identidade da atual esquerda e as mobilizações em torno da Comissão da Verdade. Essa conduta faz com que tais personagens se concentrem, sobretudo, no ataque a seus inimigos mais próximos e evidentes, sem grandes mediações em sua argumentação. Em que pese esse afã pelo imediato, os intelectuais dessa vertente também buscam se vincular, até como forma de legitimação, a linhagens mais longevas da história do pensamento, esforço no qual eles acabam por reivindicar mais explicitamente uma tradição liberal que os citados anteriormente, mais afeitos à linha conservadora. Há nesses intelectuais um constante esforço em demonstrar erudição, o que por vezes os leva a mencionar um grande número de autores, mas suas elaborações estão usualmente amparadas em princípios basilares de um extremo liberalismo econômico, onde são frequentes as menções a Mises e Hayek, e nas formulações de alguns atores do primeiro grupo. A heterogeneidade, todavia, é a marca desse conjunto, que tem no polemismo antiesquerdista o cimento que consolida suas teses e percepções centrais. Nesse campo, se situam, com suas diferenças, Reinaldo Azevedo, Rodrigo Constantino, Guilherme Fiuza, Marco Antônio Villa, Diogo Mainardi, dentre outros.

As variações retóricas, assim como as distinções de crença e ênfase, acabam, todavia, nubladas em um cenário no qual o adversário ideológico e político ganha feição muito clara, como na atual conjuntura política. Em que pese a permanência de algumas disputas internas a esse campo mais amplo, a atenção se volta, sobretudo, para a derrota dos inimigos esquerdistas, que justificam o esquecimento de discordâncias e a moderação de ânimos. Há, por certo, um esforço em compor uma “frente direitista”<sup>15</sup>, mas, para além dos movimentos políticos conscientes, as representações do cenário contemporâneo pelos dois grupos já oferecem uma ampla plataforma para a composição de uma ação conjunta, ao ressaltar por meio da ojeriza ao inimigo comum pontos coincidentes do discurso dos dois grupos.

---

<sup>15</sup> O movimento é capitaneado sobretudo por Constantino, que tem recentemente buscado ultrapassar sua anterior briga com Olavo de Carvalho - que se estendeu por longos artigos, ainda disponíveis na internet, nos blogs de cada um - em prol de uma unidade da direita, já que “tudo que não precisamos agora é de um racha entre os antipetistas” (Villa x Olavo: a importância das narrativas na política. Disponível em <http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/socialismo/villa-x-olavo-a-importancia-das-narrativas-na-politica/>). Nesse texto acima citado, o colunista critica os ataques de Marco Antônio Villa a Olavo de Carvalho, assim como faz ponderações contra o tom excessivamente agressivo deste contra companheiros da direita.

Uma primeira aproximação decorre do que se pode chamar de retórica da “terra arrasada”. Nessa perspectiva, tanto o momento atual quanto a história brasileira, são marcados por uma radical ausência de virtudes e conquistas. O argumento é mais forte na pena do primeiro grupo, a “direita teórica”, cujo discurso se ampara na completa aversão a qualquer tipo de contextualismo, o qual é sempre criticado<sup>16</sup> por seu viés relativista<sup>17</sup>. A recusa à ideia de pontos de vista ou lugares de fala leva a uma naturalização da cultura vinda dos países “centrais” como única digna de ser chamada por esse nome e nega a validade a qualquer produção que fuja de um cânone tomado como evidente por si mesmo. Por esse olhar, a cultura e a história brasileira são retratadas como uma ampla sequência de equívocos. Em texto redigido ainda antes do adensamento da influência desses intelectuais da nova direita, em 1999, Olavo de Carvalho explicita os radicais fundamentos desse tipo de argumentação:

Em quinhentos anos de existência, a cultura deste país não deu ao mundo um único registro de experiência cognitiva originária. Nossa contribuição ao conhecimento do sentido espiritual é, rigorosamente, nula. Não há nas correntes culturais do mundo um único símbolo, conceito, ideia ou palavra essencial ao conhecimento que tenha sido descoberta de um brasileiro. Toda a nossa “produção cultural” consiste apenas de prolongamentos e ecos de registros absorvidos de culturas estrangeiras. Nesse sentido, nossa cultura é rigorosamente “periférica” em relação à história espiritual do mundo. (...) Considerando-se os nossos cinco séculos de história, a extensão física e o volume populacional deste país, a nulidade da nossa contribuição espiritual chega a ser um fenômeno espantoso, sem paralelo na história do mundo. O desinteresse, a letargia espiritual da cultura brasileira e a prisão da inteligência nacional na esfera do econômico imediato são sinais de uma pequenez de alma que jamais se observou em tão impressionante escala coletiva.<sup>18</sup>

O argumento não é inédito na tradição da direita nacional, que muitas vezes se amparava na ideia de ruptura com o passado e com a tradição, como movimento necessário para ter acesso à modernidade. Personagens como Francisco Campos, Carlos Lacerda e Roberto Campos, por exemplo, antes viam no passado um obstáculo do que uma base para a construção do futuro. O

---

<sup>16</sup> A crítica ao relativismo é um argumento reiterado de certo conservadorismo. Um bom exemplo é longa argumentação de Leo Strauss contra os pressupostos historicistas e relativistas abraçados por Max Weber: STRAUSS, Leo, *Droit Naturel et Histoire*. Champ Essais, 2008.

<sup>17</sup> O relativismo não passa, segundo Olavo de Carvalho de recente moda: “Educado nos princípios do relativismo, que entrou na moda quando eu era adolescente (embora os adolescentes de hoje acreditem ser os primeiros a tomar conhecimento dele), demorei muito para descobrir por experiência — e tive enorme dificuldade de admitir — que no mundo há pessoas muito boas e pessoas muito más, separadas por um abismo irreduzível. Hoje em dia, quem quer que proclame em voz alta a existência dessa diferença, que salta aos olhos na vida diária, é imediatamente acusado de ‘maniqueísmo’” (CARVALHO, Olavo de Carvalho, *Tudo o que você precisa saber para não ser um idiota*, pág. 59)

<sup>18</sup> CARVALHO, Olavo de Carvalho, *Tudo o que você precisa saber para não ser um idiota*, pág. 59.



que surpreende no trecho é sobretudo sua radicalidade, que abdica de qualquer mediação na construção do argumento e recorre a claros exageros, sem, todavia, qualquer sentido irônico, em todos os momentos do raciocínio.

O raciocínio também se faz, de certo modo, presente na “direita militante”, constantemente retomado por Rodrigo Constantino, Diogo Mainardi e Reinaldo Azevedo. Constantino, por exemplo, estabelece um vínculo direto entre esse cenário terrível e a ausência um verdadeiro liberalismo em terras brasileiras. Em artigo sintomaticamente intitulado “Liberalismo no Brasil colônia: o que poderíamos ter sido”<sup>19</sup>, ele retoma um pensador lusitano do Brasil colônia com forte inspiração do iluminismo escocês, José Antônio Gonçalves, para apontar como a história nacional poderia ter sido outra caso os pressupostos liberais tivessem sido plenamente aplicados em terras brasileiras. O argumento do articulista expõe sua aversão a eventuais relativismos, que ofuscariam a inegável evidência de que apenas o liberalismo propõe fundamentos adequados para a organização social<sup>20</sup>. Em outro texto, o mesmo autor identifica explicitamente as razões do nosso atraso: “Esse preconceito ideológico anticapitalista tem sido o grande responsável por nossa incapacidade de migrar para o time dos países desenvolvidos (...). O Brasil testou vários “ismos” (...) O que realmente ainda não experimentamos foi mesmo o capitalismo liberal.”<sup>21</sup>.

Ambas as correntes também se aproximam na direta responsabilização da esquerda<sup>22</sup> pelas mazelas, recentes e pregressas, que assolam o Brasil. O panorama extremamente negativo sobre o país muitas vezes é relacionado ao predomínio da esquerda no cenário político e intelectual nacional. Há, por vezes, um esforço de localização dessa hegemonia da esquerda, que, em diversos momentos, é remetida aos anos que se sucederam à ditadura militar, como afirma Luiz Felipe Pondé: “após a ditadura, a esquerda tinha nas mãos as universidades, as escolas, as redações de jornal, grande parte dos tribunais e os principais partidos políticos (PT e PSDB são filhotes da esquerda).”<sup>23</sup>.

---

<sup>19</sup> CONSTANTINO, Rodrigo, “Liberalismo no Brasil colônia: o que poderíamos ter sido”. Disponível em <http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/historia/liberalismo-no-brasil-colonia-o-que-poderiamos-ter-sido/>

<sup>20</sup> O diagnóstico acerca da ausência do liberalismo no Brasil é, aliás, tema comum no discurso dos principais *think tanks* da nova direita, como o Instituto Millenium e o Instituto Liberal, e justificativa, já acima exposta, para a fundação do Partido Novo. Não à toa Constantino está vinculado, em maior ou menor grau, a essas instituições.

<sup>21</sup> CONSTANTINO, Rodrigo, Quem teme o novo?”. O Globo, 29/09/2015.

<sup>22</sup> Cabe lembrar que a ampla responsabilização das forças de esquerda pelas mais diversas mazelas é uma das características dos neoconservadores alemães segundo a obra acima citada de Jürgen Habermas.

<sup>23</sup> PONDÉ, Luiz Felipe, In: PONDÉ, Luiz Felipe, COUTINHO, João, ROSENFELD, Denis Lerrer Por que virei à direita?, pág. 81.

No mais das vezes, entretanto, a esquerda passa a ser diretamente identificada com o mal, sintetizando os mais diversos aspectos negativos aparentemente dispersos na sociedade e na história. O argumento decorre da visão extremamente moralizada desses autores acerca da política e da sociedade. A moral, em seu procedimento mais corriqueiro, remete às divergências a valores transcendentais e absolutos, impassíveis de qualquer contestação<sup>24</sup>, o que a torna extremamente útil para representações binárias, que tomam o opositor ideológico como inimigo. Frente ao inimigo não cabe o diálogo, mas a guerra.

A reivindicação da superioridade da moral ante a política é não apenas evidente na ampla maioria dos autores, como aparece como um dos critérios para distinguir a direita da esquerda. Como destacado por Luiz Felipe Pondé: “uma das posições do pensamento conservador que mais me encantam é que, para ele, o problema do homem é sobretudo moral e só secundariamente político. A negação disso, porém, sempre serviu à esquerda e aos ‘sociólogos’ para se liberarem da responsabilidade moral. Este é também um traço ‘mau-caráter’ da esquerda.”<sup>25</sup>. A centralidade do argumento moral surge como olhar “correto” para o mundo e elemento que distingue o joio do trigo. A esquerda seria não apenas equivocada, mas moralmente vil, como bem comprova a história pessoal dos seus mais destacados intelectuais:

“Quem quer que estude as vidas de cada um deles descobrirá que Voltaire, Diderot, Jean-Jacques Rousseau, Sade, Karl Marx, Tolstoi, Bertolt Brecht, Lenin, Stalin, Fidel Castro, Che Guevara, Mao Tsétung, Bertrand Russell, Jean-Paul Sartre, Max Horkheimer, Theodor Adorno, Georg Lukács, Antonio Gramsci, Lillian Hellman, Michel Foucault, Louis Althusser, Norman Mailer, Noam Chomsky e tutti quanti foram indivíduos sádicos, obsessivamente mentirosos, aproveitadores cínicos, vaidosos até a demência, desprovidos de qualquer sentimento moral superior e de qualquer boa intenção por mais mínima que fosse, exceto, talvez, no sentido de usar as palavras mais nobres para nomear os atos mais torpes. Muitos cometeram assassinatos pessoalmente, sem jamais demonstrar remorso. Outros foram estupradores ou exploradores de mulheres, opressores vis de seus empregados, agressores de suas esposas e filhos. Outros, orgulhosamente pedófilos. Em suma, o panteão dos ídolos do esquerdismo universal era uma galeria de deformidades morais de fazer inveja à lista de vilões da literatura universal. (...) Em contrapartida, os representantes das correntes opostas, conservadoras ou reacionárias, conforme fui descobrindo com ainda maior surpresa, eram quase invariavelmente seres humanos de alta qualidade moral, atestada não só na idoneidade do seu trabalho intelectual, (...) mas também nas circunstâncias do cotidiano e nos testes mais rigorosos da existência. Dificilmente se encontrará algum capítulo vergonhoso na biografia de Pascal, de Leibniz, de Bossuet, de Donoso Cortés, de Joseph de Maistre, de John Henry Newman, de Edmund Burke, de Vladimir Soloviev, de Nikolai Berdiaev, de Alexis de Tocqueville, de Edmund Husserl, de Ludwig von Mises, (...) Para levar a comparação até suas últimas consequências, até os mais notórios ditadores reacionários, Franco, Salazar e Pinochet,

---

<sup>24</sup> DELEUZE, Gilles, Espinosa – Filosofia Prática, pág. 29

<sup>25</sup> PONDÉ, Luiz Felipe, In: PONDÉ, Luiz Felipe, COUTINHO, João, ROSENFELD, Denis Lerrer Por que virei à direita?, pág. 35.

com todos os crimes políticos que cometeram, mantiveram em suas vidas pessoais um padrão de moralidade incomparavelmente mais elevado que o dos tiranos revolucionários.”<sup>26</sup>

As ideias seriam, nesse sentido, índices de moralidade e exporiam o lado superior ou rebaixado dos indivíduos. O argumento não se reduz à “direita teórica”, mas também se faz presente na “direita militante”, como bem demonstra o conceito de “esquerdopata”, cunhado por Reinaldo Azevedo<sup>27</sup>. Segundo tal discurso, a afinidade com ideais de esquerda não seria simples crença ou afinidade política, mas patologia psíquica: “Existe na política o correlato da psicopatia, manifestado, no caso, não como uma doença mental, do indivíduo, mas como uma moléstia coletiva, ideológica. Há tempos emprego a palavra ‘esquerdopata’ para definir certo tipo de comportamento.”<sup>28</sup> A representação de um ideário de esquerda através do léxico clínico não é novidade na história brasileira. Como bem demonstra o trabalho de Rodrigo Patto Sá Motta<sup>29</sup>, o comunismo era comumente retratado por seus opositores através de um vocabulário médico, que o identificava como doença e propunha soluções a partir desse campo.

As consequências de semelhante imaginário no campo da ação política não são difíceis de imaginar. Não há diálogo democrático possível com indivíduos portadores de uma doença. Patologias, ademais, não devem ser toleradas, mas extirpadas o quanto antes. Para os que abraçam plenamente tal receituário direitista, a violência, ao menos verbal, surge como ação quase lógica contra os indivíduos e instituições porta-vozes de ideias e prática de esquerda. Assim como as representações dos comunistas justificaram práticas extremas contra seus entusiastas e organizações décadas atrás, pode-se imaginar, sem maior dificuldade, que tal conjunto de ideias incentive condutas semelhantes para alguns destes intelectuais.

O caráter autocentrado do discurso moral também leva a uma representação do cenário político que destoa bastante da percepção da ampla maioria dos protagonistas desse campo, sejam eles parlamentares, representantes de grupos de interesse ou líderes de movimentos sociais. Para essa nova direita, a esquerda ocupa a quase totalidade dos postos de poder não

---

<sup>26</sup> CARVALHO, Olavo de Carvalho, Tudo o que você precisa saber para não ser um idiota, pág. 137-138.

<sup>27</sup> O termo é também largamente utilizado por Rodrigo Constantino e outros articulistas da “nova direita”.

<sup>28</sup> AZEVEDO, Reinaldo, “Esquerdopatia, a psicopatia da política. Ou: Primeiro eles tentam desumanizá-lo para, então, matá-lo. Foi assim que eliminaram mais de 100 milhões no século passado”. Disponível em <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/esquerdopatia-a-psicopatia-da-politica-ou-primeiro-eles-tentam-desumaniza-lo-para-entao-mata-lo-foi-assim-que-eliminaram-mais-de-100-milhoes-no-seculo-passado/>

<sup>29</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá, Em guarda contra o ‘perigo vermelho’: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). Ed. Perspectiva, 2002.

apenas no Brasil, onde o cenário é especialmente crítico, mas no mundo, onde é evidente, segundo Olavo de Carvalho, a hegemonia esquerdista<sup>30</sup>. Nessa perspectiva, o PSDB, responsável por uma reforma neoliberal do Estado brasileiro, é, para muitos deles, franco representante da esquerda<sup>31</sup>, assim como o restante do quadro partidário brasileiro; Obama é comunista e Luciano Huck, apresentador comumente visto como vinculado à direita, pertence ao campo da “esquerda caviar”.<sup>32</sup>

Os intelectuais da nova direita usualmente recorrem a um clássico *topos* conservador, que pretende conferir ao próprio discurso uma maior capacidade de representação do real. Nesse discurso, as teses da direita teriam uma maior proximidade com o real, colocando-se mais próximas da “vida como ela é”, ao passo que a esquerda se caracterizaria por seus devaneios e abstrações completamente alheios, por inépcia ou má-fé, ao funcionamento do mundo. Os argumentos da direita seriam não apenas superiores moralmente como também sobranceiros em sua capacidade de compreender o mundo que os cerca.

Mais uma vez estamos diante de um corriqueiro argumento do pensamento conservador, este fortemente reproduzido, por exemplo, pelo pensamento autoritário brasileiro. Analisando a obra de Azevedo Amaral e Francisco Campos, Marcelo Jasmin<sup>33</sup> identifica em suas obras dois modelos retóricos, que reivindicavam às ideias expostas especial verossimilhança antes o tempo

---

<sup>30</sup> “O projeto do governo mundial é originariamente comunista, e os grupos econômicos ocidentais que se deixaram seduzir pela ideia, esperando tirar proveito dela, sempre acabaram financiando movimentos comunistas ao mesmo tempo que expandiam globalmente seus próprios negócios. As fundações Ford e Rockefeller são os exemplos mais notórios. Nesses como em outros casos, a contradição entre o interesse econômico envolvido e as ambições políticas de longo prazo é origem de inumeráveis ambiguidades que desorientam o observador e, se ele é preguiçoso, o induzem a não pensar mais no assunto. Uma coisa é certa: nos anos setenta e oitenta, a globalização parecia favorecer os EUA, mas, na década seguinte, ela tomou o rumo bem claro de uma articulação mundial antiamericana e, por tabela, anti-israelense. A eleição de George W. Bush e a política de afirmação nacional que tem seguido são as respostas lógicas a essa nova situação.” (CARVALHO, Olavo de Carvalho, Tudo o que você precisa saber para não ser um idiota, pág. 154)

<sup>31</sup> “Não resta dúvida de que os tucanos são melhores do que os petistas, de que o PSDB é uma esquerda mais civilizada e que respeita em parte o mercado. Mas, ainda assim, a agenda do PSDB está muito distante do liberalismo que funcionou como alavanca para o progresso ocidental. Ainda concentra poder e recursos demais no Estado.” (CONSTANTINO, Rodrigo, Quem teme o novo??. O Globo, 29/09/2015) ““Nas próximas eleições, por exemplo, o país terá de optar novamente entre PT e PSDB, isto é, os dois filhotes monstruosos gerados no ventre da USP, a mãe da esterilidade nacional, ou como bem a sintetizou o poeta Bruno Tolentino, a “p... que não pariu”. Sim, a política brasileira virou uma imensa assembleia de estudantes da USP, com o Partido Comunista de um lado, a Ação Popular de outro, num torneio de arrogância, presunção, hipocrisia, sadismo mental, mendacidade ilimitada e estupidez sem fim. A USP levou meio século para chegar ao poder, e ainda não parou de gerar pseudointelectuais ambiciosos, ávidos de mandar, sedentos de ministérios. Sua obra de destruição está longe de haver-se completado.” (CARVALHO, Olavo de Carvalho, Tudo o que você precisa saber para não ser um idiota, pág. 576).

<sup>32</sup> CONSTANTINO, Rodrigo, Esquerda Caviar. Record, 2013, pág. 219.

<sup>33</sup> JASMIN, Marcelo, Mimesis e recepção: encontros transatlânticos do pensamento autoritário brasileiro da década de 1930. In: JASMIN, Marcelo, FERES JR., João, História dos conceitos: diálogos transatlânticos. PUC-RIO/Loyola, 2007.

do mundo e a fisionomia do país, por ele definidos como “mímesis do tempo” e “mímesis da nação”. Há, nesse sentido, a pretensão de construir um pensamento que expresse fielmente o mundo.

A nova direita retoma esse tema e, como já exposto, em outros casos, o abraça com grande radicalidade. É comum a quase todos os intelectuais do campo a ideia de que apenas um olhar distante dos esquerdismos pode perceber os reais traços do mundo. Pondé, por exemplo, afirma sem maiores mediações que a “esquerda é abstrata e mau-caráter porque nega a realidade histórica humana a fim de construir seu domínio no mundo”<sup>34</sup>, enquanto que Olavo de Carvalho assevera que “só o ponto de vista conservador pode fornecer uma visão realista do processo histórico, já que se baseia na experiência do passado e não em conjeturações de futuro. Toda historiografia revolucionária é fraudulenta na base”<sup>35</sup>. No mesmo tom, Reinaldo Azevedo, em artigo sintomaticamente intitulado “Ainda esquerda e direita”: “Esquerdismo é ideologia sim. No mais das vezes, aquilo a que se chama ‘direita’ é só bom senso aplicado”, argumenta explicitamente que muitas vezes se atribui ao “‘pensamento de direita’ ou ‘pensamento conservador’ o que é nada além de bom senso. Nesse sentido, ideologia, esta sim, é a engenharia social a que se dedicam as esquerdas, ao tentar impor um ponto de vista ancorado em convicções e crenças que insistem em desafiar a realidade”<sup>36</sup>. Em fórmula lapidar, o colunista aproxima as ideias direitistas da mais clara evidência, ao mesmo tempo em que imputa à esquerda a tendência ao delírio.

A retórica do realismo leva os intelectuais da nova direita ao trabalho de desconstrução de supostos cânones da esquerda. Há redobrado esforço em demonstrar como supostas verdades não passariam de invenções esquerdistas, amparadas na hegemonia na mídia e na academia para enganar a maior parte da população, que se mostrariam sem qualquer fundamento teórico e histórico. A academia, aliás, é fruto de pesadas críticas e costumeiramente retratada como antro de doutrinação esquerdista e devassidão moral. Não são raras as menções à inutilidade dos percursos acadêmicos formais e a ridicularização da maior parte da produção intelectual nas

---

<sup>34</sup> PONDÉ, Luiz Felipe, In: PONDÉ, Luiz Felipe, COUTINHO, João, ROSENFELD, Denis Lerrer, Por que virei à direita?, pág. 81.

<sup>35</sup> CARVALHO, Olavo de Carvalho, Tudo o que você precisa saber para não ser um idiota, pág. 176.

<sup>36</sup> AZEVEDO, Reinaldo, “Ainda esquerda e direita — Esquerdismo é ideologia sim. No mais das vezes, aquilo a que se chama “direita” é só bom senso aplicado”. Disponível em <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/ainda-esquerda-e-direita-esquerdismo-e-ideologia-sim-no-mais-das-vezes-aquilo-a-que-se-chama-direita-e-so-bom-senso-aplicado/>

universidades, sobretudo das ciências humanas, tema recorrente, por exemplo, nas colunas de Luiz Felipe Pondé, na *Folha de São Paulo*.<sup>37</sup>

Em meio a essa perspectiva mais ampla, se destacam alguns campos nos quais a “nova direita” aborda reiteradamente temas que ela reputa como particularmente dominados pelas falsificações esquerdistas. Dois deles, que merecem insistentes comentários de diversos personagens do grupo, são a ditadura militar brasileira e o Golpe de 1964. Mesmo que vários autores, como Olavo de Carvalho, Constantino e Reinaldo Azevedo, dediquem várias manifestações ao tema – sempre empenhados em demonstrar a justeza e necessidade do golpe, fundamental para evitar a dominação esquerdista então em curso, e expor a injustiça com a qual é tratado o regime autoritário – não resta dúvida de que o mais empenhado na tarefa é o historiador Marco Antônio Villa. Professor universitário, como Rosenfield e Pondé, em um grupo que despreza o meio acadêmico, Villa dedicou boa parte da sua trajetória intelectual para contestar supostos consensos esquerdistas sobre a Ditadura e o Golpe<sup>38</sup>. Atualmente, porém, ele destina a maior parte do seu tempo ao papel de comentarista político, que, como já dito, exercita regularmente na Rádio Jovem Pan e em seu blog.

A narrativa do historiador retrata constante movimentação golpista por parte da esquerda, que há muito se associava aos militares, vendo em Jango um ator político orientado para romper com a ordem institucional. Além disso, Villa nega a existência da largamente documentada Operação CONDOR e relativiza os primeiros e últimos anos do regime como efetivamente autoritários, com base nas eleições diretas para os governos estaduais. O adversário a ser combatido por Villa é, sobretudo, a memória e a historiografia construída pelos egressos da luta armada, que idealizam a conjuntura e a própria trajetória; perspectiva, que na visão do autor, é amplamente hegemônica nos fóruns e circuitos acadêmicos.

Deve-se ressaltar, entretanto, que Villa constrói visão bem mais amena do que outros intelectuais da nova direita, que defendem abertamente a solução golpista, já que ele reconhece a

---

<sup>37</sup> “As ciências humanas se tornaram incapazes de dialogar com a realidade. Criaram um ‘mundinho bobo de teses emancipatórias’ a serviço da masturbação intelectual. Afirmam que tudo é “construção social”, mesmo que uma pedra lhes caía sobre a cabeça todo dia. O nome disso é surto psicótico. Há um surto correndo solto em muitos departamentos de ciências humanas. Para começar, como tratamento, proporia dar um tempo no gozo com Marx, Foucault e Piketty. Há décadas se detona a família em salas de aula. Detona-se o homem, seus afetos e inseguranças, ensina-se às mulheres que os homens são seus inimigos (PONDÉ, “Samurais x Ciências Humanas”. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/234693-samurais-x-ciencias-humanas.shtml>).

<sup>38</sup> Foram dois livros sobre o tema: VILLA, Marco Antônio, *Jango: um perfil (1945-1964)*. Editora Globo, 2003 e *Ditadura à brasileira (1964-1985). A democracia golpeada à direita e à esquerda*. São Paulo: LeYa, 2014.

dificuldade da direita em lidar com a democracia de então e destaca o papel relevantes das forças sociais envolvidas no processo de redemocratização. Não é simples, entretanto, coordenar a produção do autor sobre o período com as ilações que ele constrói sobre o período atual, que também chama de ditadura, já que Villa muitas vezes parece sugerir, com total desprezo ante a experiência democrática recente, que o cenário contemporâneo é tão ou mais nefasto às liberdades individuais quanto o período autoritário.

A obstinada crença no acesso privilegiado ao real é uma das mais diretas causas da tendência à construção de teorias da conspiração que marcam esses intelectuais. O discurso começa por reclamar uma superior capacidade de compreender o mundo e logo passa a enxergar traços ocultos da realidade, sem os quais ela não pode ser adequadamente interpretada. As dinâmicas políticas e sociais são, assim, muitas vezes explicadas através de acordos ocultos internacionais e grandes conjurações despercebidas pela multidão. As conjecturas de Olavo de Carvalho acerca do Foro de São Paulo e das articulações comunistas internacionais – amplamente replicadas por outros expoentes da nova direita – são um ótimo exemplo dessa tendência:

“Tudo na vida de uma democracia depende do seguinte: os cidadãos deixam-se mais facilmente persuadir por provas e documentos ou por um sorriso sarcástico de superioridade vagamente atemorizante? O sucesso de Barack Hussein Obama nos EUA, bem como o do Foro de São Paulo na América Latina, deveu-se inteiramente ao predomínio da segunda hipótese. Lá como cá, a grande mídia, em massa, esquivou-se à obrigação elementar de investigar e informar, preferindo um jogo de cena destinado a inibir, mediante a ameaça velada da humilhação e do ridículo, todas as perguntas politicamente indesejadas. (...). Cuba está quietinha no seu canto, sem mexer na política de outros países? Leiam as atas do Foro de São Paulo. Cuba governa o continente.”<sup>39</sup>

Uma vez confrontado com a ausência de evidências em sua argumentação, o autor sempre pode recorrer às limitações de quem o inquire, que não seria capaz de ver o óbvio e provavelmente estaria enfeitado ou pela mídia conivente ou pela doutrinação esquerdista que toma a educação e silencia as vozes da direita. O discurso repagina argumentação anticomunista comum nos anos 1960<sup>40</sup>, que justificava as incompreensões do seu raciocínio pela ação da ideologia adversária, a qual impedia a todos a visão da verdade. Se o esquerdismo é uma doença – como bem aponta o termo “esquerdopata” – um dos seus sintomas é a atrofia da capacidade de perceber o óbvio. A própria acusação de cultor de teorias da conspiração é uma prova da situação

---

<sup>39</sup> CARVALHO, Olavo de Carvalho, Tudo o que você precisa saber para não ser um idiota, págs. 253-254.

<sup>40</sup> Um bom exemplo é PINTO, Bilac, Guerra Revolucionária.

de descabro na qual se encontra o país, que hoje é “hospício sem médicos, administrado pelos próprios loucos que se imaginam médicos”<sup>41</sup>: “teoria da conspiração” é uma dentre mil muletas léxicas a serviço dos deficientes mentais loquazes que orientam e dirigem o país”<sup>42</sup>

Ao lado do discurso que atribui aos opositores a incapacidade de perceber a verdade, está presente na pena desses intelectuais da nova direita outro mote retórico, que continua a representar a esquerda sob o signo da obtusidade, mas aproxima a direita dos interesses e opiniões da população. A aproximação entre formulações da direita e crenças do senso comum – claramente marcada, por exemplo, em artigo acima citado de Reinaldo Azevedo<sup>43</sup> – é retomada por outros autores, que contrastam uma esquerda hegemônica isolada do povo e interessada em realizar apenas os próprios interesses de uma direita que representa interesses populares. O argumento é muitas vezes mobilizado pelos membros da direita militante, que vê na suposta hegemonia da esquerda um afastamento do povo em relação ao poder, o qual passa a não mais responder aos seus anseios e crenças. Personagens da “direita teórica”, como Olavo de Carvalho, costumavam, por sua vez, direcionar sua veia crítica também contra o povo brasileiro, sempre retratado a partir de termos majoritariamente pejorativos. A conjuntura mais aberta ao discurso da direita promoveu, entretanto, algumas transformações nas ideias desse grupo, que recentemente tem também apontado a oposição entre um povo conservador e uma esquerda usurpadora, como nesse texto de 2009: “a maioria absoluta dos brasileiros, especialmente jovens, é um eleitorado maciçamente conservador desprovido de representação política, de ingresso nos debates intelectuais e de espaço na ‘grande mídia’. É um povo marginalizado, escorraçado da cena pública por aqueles que prometeram abrir-lhe as portas da democracia e da participação.”<sup>44</sup>

As evidências levantadas por esses autores para comprovar as dissonâncias entre a maioria da população e a minoria esquerdista quase sempre se amparam em temas relacionados a direitos de minorias, como mulheres, negros, homossexuais e imigrantes. Em termos semelhantes aos utilizados por Habermas<sup>45</sup> para tratar do neoconservadorismo alemão, esses

---

<sup>41</sup> CARVALHO, Olavo de Carvalho, Tudo o que você precisa saber para não ser um idiota, pág. 311.

<sup>42</sup> CARVALHO, Olavo de Carvalho, Tudo o que você precisa saber para não ser um idiota, pág. 322.

<sup>43</sup> AZEVEDO, Reinaldo, “Ainda esquerda e direita — Esquerdismo é ideologia sim. No mais das vezes, aquilo a que se chama “direita” é só bom senso aplicado”. Disponível em <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/ainda-esquerda-e-direita-esquerdismo-e-ideologia-sim-no-mais-das-vezes-aquilo-a-que-se-chama-direita-e-so-bom-senso-aplicado/>

<sup>44</sup> CARVALHO, Olavo de Carvalho, Tudo o que você precisa saber para não ser um idiota, pág. 244.

<sup>45</sup> HABERMAS, JÜRGEN, A crítica neoconservadora da cultura nos Estados Unidos e na Alemanha. In: A nova obscuridade: pequenos escritos políticos V



novos intelectuais da direita brasileira conjugam um forte elogio à modernidade econômica com uma profunda ojeriza ante a modernidade em termos de cultura e de valores, ridicularizando a agenda do reconhecimento.

O entusiasmo ante a modernidade econômica aparece de modo mais evidente na “direita militante”, que toma o liberalismo econômico como único evangelho para a construção de uma boa ordem. A valorização da noção de “meritocracia” aparece em praticamente todos os autores desse campo, que criticam a esquerda por sempre buscar sobrepor o social ao individual. Não é diferente o cenário, todavia, nos textos da “direita teórica”, que argumenta a plena conformidade entre um forte conservadorismo moral e a adesão ao mundo do capitalismo liberal. Está ausente do pensamento desses autores o velho temor conservador de que a ampla expansão da lógica da mercadoria, inerente ao capitalismo, acabasse por solapar os valores sobre os quais se fundavam as sociedades tradicionais. A seguinte passagem de Olavo de Carvalho é exemplar desse aspecto:

“A concentração do capital para financiar operações bancárias não é, pois, um malefício que só pode produzir algo de bom se for submetido a ‘finalidades sociais’ externas (e em nome delas policiado), mas é, em si e por si, finalidade socialmente útil e moralmente legítima. São Tomás, se lesse esse argumento, não teria o que objetar e certamente veria nele um bom motivo para a reintegração plena e sem reservas do capitalismo moderno na moral católica. (...) restaurar a consciência de que o capitalismo, com todos os seus inconvenientes e fora de toda intervenção estatal pretensamente corretiva, é em si e por essência mais cristão que o mais lindinho dos socialismos, eis o dever número um dos intelectuais liberais que não queiram colaborar com o farsesco monopólio esquerdista da moralidade, trocando sua alma pelo prato de lentilhas da eficiência amoral.”<sup>46</sup>

A clara afirmação dessa compatibilidade é central para a construção e manutenção do campo da nova direita, permitindo a formulação de uma agenda comum a atores que, em outros momentos, não necessariamente estariam nas mesmas hostes. Para além dos fundamentos teóricos, a coesão nasce do inimigo comum, detestado por suas ressalvas ante a visão capitalista do mundo, mas também, como já dito, por seu discurso de defesa das minorias. Os comunistas agora militam e governam ao lado de perigosos grupos – retratados por neologismos como ‘feminazis’, ‘gayzistas’, abortistas – que pretendem solapar as bases morais da “humanidade normal”<sup>47</sup>. Se o campo comum nasce do elogio dos conservadores ao liberalismo econômico, ele também decorre da adesão dos liberais econômicos ao conservadorismo moral, fortemente

---

<sup>46</sup> CARVALHO, Olavo de Carvalho, Tudo o que você precisa saber para não ser um idiota, págs. 199-200.

<sup>47</sup> “O que separa da humanidade normal os abortistas, gayzistas, globalistas, marxistas, liberais materialistas e outras criaturas afetadas de “mentalidade revolucionária” não é uma questão de opinião ou crença: é uma diferença mais profunda, de ordem imaginativa e afetiva.” (CARVALHO, Olavo de Carvalho, Tudo o que você precisa saber para não ser um idiota, pág. 181)

presente, por exemplo, nos diversos ataques do colunista Rodrigo Constantino, presidente do Instituto Liberal, a grupos minoritários<sup>48</sup>.

A atenção às minorias decorre também das ações do mais evidente inimigo dessa nova direita: PT. A opção do PT por um “reformismo fraco”, nas palavras de André Singer, sempre cioso em destacar sua plena adesão ao capitalismo, dificulta os ataques ao partido através do argumento da “comunização”, que se ampara em teorias conspiratórias do corte do Foro de São Paulo e em ataques contra os excessos da intervenção estatal, ambos argumentos que não encontram evidente apoio popular, nem mesmo na classe média.<sup>49</sup> O partido, entretanto, fez avanços, ainda que tímidos, na área dos direitos de minorias, sobretudo através do fortalecimento de secretarias temáticas e da ampliação das cotas, seja no ensino superior ou nos concursos públicos, abrindo campo para a exploração do desconforto e dos preconceitos de certa parcela da população em relação a esses movimentos. Na falta de movimentos de afronta ao capital que fornecessem combustível ao discurso do terror comunista, – os governos petistas não fizeram, por exemplo, movimentos semelhantes ao de Jango no Comício da central – e da ausência de uma esquerda partidária forte que lutasse nesse sentido, a nova direita foi em busca de pautas morais e de combate às agendas de reconhecimento das minorias como agendas para justificar os ataques ao campo da esquerda.

A conduta muitas vezes moderada não impediu que o PT surgisse como alvo preferencial dos intelectuais da nova direita. São inúmeros os textos e alguns os livros destinados a atacar não somente a experiência petista à frente do governo – associada sempre à ideia de corrupção –, mas a própria constituição do partido, muitas vezes retratado como razão dos males que assolam o país. A retórica inflamada, comum aos atores que integram o grupo, alcança tons especialmente altos quando trata da instituição e dos seus principais líderes, que figuram como constante alvo de qualificações pejorativas e, por vezes, de diretas ofensas. O PT, nesse discurso, não apenas

---

<sup>48</sup> “As feministas, por meio do politicamente correto, tentam nos convencer de que gênero é somente uma “construção social”, que segue uma criação arbitrária machista para o domínio patriarcal. Besteira! Meninos, desde muito cedo, mostram certas tendências diferentes das meninas no que diz respeito às brincadeiras. Até com outros animais isso acontece. Hormônios talvez expliquem a diferença.” (CONSTANTINO, Rodrigo, *Esquerda Caviar*, pág. 206)

<sup>49</sup> A demanda das classes mais pobres por um Estado fortemente interventor é um dos argumentos esposados por SINGER, Andre, *Os sentidos do lulismo*. Companhia das Letras, 2012. Em recente pesquisa sobre as manifestações que ocorreram no dia 16 de agosto, Pablo Ortellado e Esther Solano também identificaram no público, majoritariamente pertencente às faixas mais altas de renda, uma forte simpatia à forte presença do Estado nas áreas da saúde e da educação. (“Um desacordo entre manifestantes e os convocantes dos protestos?”. Disponível em [http://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/18/opinion/1439933844\\_328207.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/18/opinion/1439933844_328207.html))

retoma velhos vícios do passado, representante maior do comunismo em terras nacionais, como produz graves problemas para o futuro, ao protagonizar os discursos de minorias que destroem os valores da sociedade brasileira. Não vive no Brasil uma democracia, mas uma ditadura que silencia as vozes da direita e ilegitimamente lega o poder à esquerda:

“Basta compreender essas noções para perceber, de imediato, que a democracia brasileira é um doente em estado quase terminal. O jogo normal de esquerda e direita, que permite a continuidade do processo democrático e mantém os extremismos sob rédea curta, foi substituído por um sistema de controle monopolístico não só do poder estatal como da cultura e da mentalidade pública; controle tão eficiente que já não é percebido como tal, de modo que, quanto mais patológica é a situação, mais confortavelmente todos se acomodam a ela, acreditando piamente viver na mais pura normalidade democrática. A facção que domina o governo controla também o sistema de ensino, as universidades e instituições de cultura, o meio editorial e artístico e a quase totalidade dos órgãos de mídia. A mais mínima falha nesse controle, o mais leve sinal de descontentamento, mesmo parcial e apolítico, desperta ou alarma as hostes governistas, que então se apressam a mobilizar seus militantes para o combate a “ameaças golpistas” perfeitamente inexistentes. A facção dominante compõe-se da aliança indissolúvel entre a esquerda e a extrema esquerda, sendo esta última, então, legitimada como parte da esquerda normal, digna do respeito e da consideração dos eleitores.”<sup>50</sup>

A plena deslegitimação do sistema democrático, presente no discurso de Olavo de Carvalho, encontra versões mais amenas em outros intelectuais. Permanece, entretanto, a chave que pinta o predomínio da esquerda, escancarada pelos governo petistas, como incompatível com a democracia representativa. Não basta derrotar essa esquerda nas urnas, mas é necessário apagar seus vestígios do cenário político brasileiro, já que não há eleições democráticas com a atual situação, que artificialmente transforma minorias ineptas em maiorias. A narrativa, que vê a exclusão de um ator da cena política como imprescindível para a implementação de uma efetiva democracia, poderia sair, com eventuais modificações, da boca de um dos artífices do fim da última experiência democrática brasileira: Carlos Lacerda.

\*\*\*\*\*

Ao longo deste texto, procuramos analisar sociologicamente o destaque na cena pública brasileira de uma fração de intelectuais que chamamos de “nova direita”. O que buscamos sustentar é que, não obstante a presença de intelectuais de direita não seja um fenômeno novo na

---

<sup>50</sup> CARVALHO, Olavo de Carvalho, Tudo o que você precisa saber para não ser um idiota, págs. 99-100.

história do Brasil, o protagonismo no debate público dos autores aqui analisados – Rodrigo Constantino, Olavo de Carvalho, Marco Antonio Villa, Guilherme Fiuza, Reinaldo Azevedo, Luiz Felipe Pondé, Denis Rosenfield e Diogo Mainardi – é uma novidade, quer seja quando se investiga a forma de inscrição dos mesmos na imprensa, na internet, nas rádios, no mercado editorial e nos diferentes institutos de perfil liberal que se fortaleceram ao longo dos últimos anos, quer seja quando se considera a retórica e os argumentos por eles mobilizados no debate público que, se por um lado, se ancoram em agendas clássicas da direita, por outro, passam por um processo de *aggiornamento* para se vincular às disputas políticas colocadas na conjuntura política brasileira.

Buscamos também chamar a atenção para o fato de que esses intelectuais não poderem ser interpretados como pertencentes a um todo homogêneo e monolítico, devendo-se, pelo contrário, ser ressaltadas as diferenças, particularidades e heterogeneidades em suas formas de inscrição na cena pública e nos argumentos por eles espostos nos debates travados com os diferentes setores da esquerda brasileira. Nesse sentido, ainda que seja possível identificar pontos de aproximação em suas agendas – crítica ao papel do Estado na regulação do livre-mercado, na promoção da redistribuição de renda e na execução de políticas afirmativas orientadas para a inclusão de “minorias” e forte objeção à esquerda, de maneira geral, e ao PT, em particular –, eles possuem pontos de divergências, que não podem ser negligenciados. Procuramos explorar estas divergências a partir das categorias “direita teórica” e “direita militante”, ainda que reconhecendo, por um lado, os pontos de contato entre os intelectuais agrupados nessas duas categorias e ainda que valorizando, por outro, aspectos divergentes dos intelectuais associados a cada um destes grupos específicos.

Outra questão que atravessou toda a reflexão proposta neste texto diz respeito à inquirição das razões que explicariam o protagonismo que vem sendo adquirido por esses intelectuais, ao longo dos últimos anos, na esfera pública brasileira. De maneira resumida, é possível dizer que procuramos explorar cinco grandes questões que contribuiriam para explicar sociologicamente esse processo: em primeiro lugar, o próprio distanciamento temporal da ditadura militar, identificada no imaginário social como sendo de “direita”. Passadas duas décadas da consolidação do processo de redemocratização com a Constituição de 1988, torna-se mais confortável para muitos desses autores se intitulem como de direita, defendendo publicamente as ideias e as agendas políticas associada a este campo do espectro político. Soma-

se a isso o fato de que, a despeito da permanência de enormes mazelas sociais, o país vem passando por um processo de redistribuição de renda ao longo dos últimos anos que torna mais factível a defesa mais radical de agendas liberais, que antes não eram bem aceitas em um país atravessado pela desigualdade.

Em segundo lugar, buscamos associar o protagonismo destes intelectuais da “nova direita” a transformações que tiveram curso, ao longo das últimas décadas, na própria indústria cultural, destacando-se, nesse sentido, mudanças no mercado editorial, no perfil dos jornais de maior circulação – que passaram a dedicar mais espaço a colunistas “ideológicos” – e, sobretudo, a expansão e a popularização da internet, que permitiu a esses intelectuais adquirir uma capilaridade social outrora não imaginada. Se, como procuramos demonstrar, esses intelectuais se valem da imprensa “tradicional” para difundirem suas ideias, através de jornais e das rádios, a internet e as redes sociais possibilitaram uma projeção muito mais significativa para suas agendas. A isso se soma – e esta é a terceira razão que contribui para explicar o protagonismo desses intelectuais – a vinculação e a articulação de muitos destes personagens com institutos como o Instituto Liberal e o Instituto Millenium, que, atuando como *think tanks*, em um modelo muito próximo do que vem ocorrendo nos Estados Unidos, vêm se vinculando a outras instituições, associações e grupos sociais, sendo muito bem sucedidos no sentido de projetar com mais força as ideias liberais no debate público brasileiro.

A quarta razão que contribui para explicar o protagonismo que esses intelectuais vêm adquirindo na cena pública se relaciona com os sucessos e fracassos da esquerda hegemônica no Brasil, representada pelo PT, para lidar com uma série de questões centrais da democracia brasileira. No que concerne aos sucessos, procuramos sustentar o argumento de que mesmo o “reformismo fraco” dos governos petistas mexeu em pontos sensíveis da estrutura social brasileira, acabando por despertar fortes reações de alguns segmentos, reações estas que têm sido muito exploradas por estes intelectuais em suas intervenções públicas. A polarização da sociedade, à esquerda e à direita, contribui decisivamente para que ideias mais radicalizadas possam encontrar escoadouro e aceitação. De outra parte, os fracassos dos governos do PT em promoverem alterações mais estruturais da sociedade brasileira e ter segmentos de seu quadro envolvidos em casos de corrupção contribuíram para o enfraquecimento da agenda da esquerda, que, na atual conjuntura, vê o discurso da direita crescer de forma cada vez mais significativa.

Por fim, uma última razão que contribui para explicar o fortalecimento desses intelectuais no debate público diz respeito à própria crise que o sistema partidário atravessa hoje no Brasil, exposta, de uma forma ou de outra, nas manifestações que tomaram as ruas do país em junho de 2013 e em março de 2015. Nesse cenário de forte crítica e de elevado ceticismo em relação à política, o discurso de “terra arrasada” contra os políticos e as instituições tradicionais ganha repercussão, reproduzindo pressupostos explorados por muitos destes intelectuais no debate público, inclusive, se valendo dele para a criação de novas instituições, a exemplo do Partido Novo. Resta saber se o novo não é, como parece ser, o velho discurso da direita mais radical, travestido e adaptado às terras tropicais.